

Lula visita Billings em passeio ecológico

MARA ZIRAVELLO

Depois de avistar dezenas de garças que pescavam o primeiro alimento do dia, o candidato do PT à Presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva, lamentou o destino da represa Billings, manancial de 130 mil quilômetros quadrados à beira de São Bernardo do Campo, no ABC paulista, retratado a menos de três quilômetros adiante, onde saciados urubus beliscavam os peixes mortos pela poluição da água. "Este é o maior crime ecológico feito em



Dimang Kon Beu

São Paulo", apontou o candidato, atrasado meia hora para o passeio à espera do ecologista Fernando Gabeira, do PV. Gabeira não foi.

No teto do Anton III, uma embarcação de 11 metros de comprimento por 3,5 de largura, Lula lembrou a década de 60, quando ia com os amigos pescar na represa. "Era o único lazer da gente nos fins de semana", comentou. O candidato do PT eximiu o governo federal de culpa sobre os problemas da Billings — e atacou o estadual. "Não faz sentido desviar o curso dos rios", afirmou. "Deve ter alguma empreiteira disposta a financiar futuras campanhas", deduziu.

Mais incisivo e menos saudosista, Lula começou seu dia de campanha às cinco da manhã nas portas de fábricas do ABC, principal reduto do PT nas últimas eleições. Montado no carro de som do partido e às voltas com um microfone que insistia em falhar, ele recordou as greves de 1979 e o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello. "Naquelas greves, enquanto vocês apanhavam da polícia, Collor recebia a prefeitura biônica de Maceió", comparou.

Com os pés no chão, o candidato do PT caminhou seis quarteirões da Rua Marechal Deodoro, centro comercial de São Bernardo do Campo. Distribuiu panfletos, ouviu queixas e elogios e deu aos fotógrafos a oportunidade de completarem a coleção sobre políticos em campanha: ao menos por cinco segundos, segurou uma criança desconhecida no colo.

Lula, na represa: lamentos